



O INCONSCIENTE COMO LINGUAGEM: DE FREUD A LACAN

THE UNCONSCIOUS AS LANGUAGE: FROM FREUD TO LACAN

Julio Cesar Lemes de Castro
PUC - Pontificia Universidade Católica de São Paulo

Resumo: Este artigo mostra que Freud, embora não contasse com os recursos da lingüística, já concebia o inconsciente em termos de linguagem, e que Lacan, usando ferramentas teóricas tomadas a Saussure e Jakobson, aprofundou a concepção freudiana. Assim, pode-se dizer que as formações do inconsciente (o sonho, o chiste, o lapsos) e os sintomas neuróticos são articulações envolvendo significantes. O trabalho analisa, em particular, como os mecanismos de elaboração onírica seguem o *modus operandi* das figuras estilísticas. Estando na base tanto do inconsciente como da ordem social, a linguagem provê o fio de continuidade entre eles.

Palavras-chave: inconsciente; linguagem; psicanálise; Freud; Lacan.

Abstract: This article shows that Freud, even without the resources of linguistic, already conceived the unconscious in terms of language, and that Lacan, by using theoretical tools taken from Saussure and Jakobson, furthered the Freudian conception. Thus, we can say that the formations of the unconscious (the dream, the joke, the slip) and the neurotic symptoms are articulations involving signifiers: the work analyses particularly how mechanisms of oniric elaboration follow the *modus operandi* of stylistic figures. Laying on the basis of the unconscious as well as of the social order, the language provides the continuity thread between them.

Keywords: unconscious; language; psychoanalysis; Freud; Lacan.

Para a psicanálise, como se sabe, a fase edipiana é a etapa decisiva na vida da criança. A interdição paterna no complexo de Édipo é a *Urverdrängung*, a “repressão originária atraindo a si todas as outras” (LACAN, 1965-1966, 1 de dezembro de 1965; LACAN, 1966, p. 868). É ao redor desse cerne inicial com caráter de ímã, e alimentado pelas repressões posteriores, que se desenvolve o inconsciente:

Tendo constituído seu primeiro núcleo, a repressão começa. Há agora um ponto central em torno do qual poderão organizar-se, em seguida, os sintomas, as repressões sucessivas e, ao mesmo tempo – já que a repressão e o retorno do reprimido são a mesma coisa – o retorno do reprimido (LACAN, 1975a, 215).

Portanto o inconsciente não é simplesmente o não-consciente, aquilo que está fora da consciência: “O inconsciente **não** é uma espécie definida na realidade psíquica pelo

círculo do que não tem o atributo (ou a virtude) da consciência” (LACAN, 1966, p. 830, **destaque do autor**). O inconsciente consiste nos materiais reprimidos: “O inconsciente não é perder a memória; é não se lembrar **do** que se sabe” (LACAN, 2001, p. 333, **destaque do autor**).

Para Freud, os afetos não são reprimidos, mas somente deslocados (LACAN, 1966, p. 714). O que se reprime – a matéria-prima do inconsciente – é o que ele chama de *Vorstellungsrepräsentanz*, que Lacan traduz por representante da representação e considera “estritamente equivalente à noção e ao termo de significante” (LACAN, 1958-1959, 26 de novembro de 1958). Por isso, Lacan contrapõe-se à ideia difundida “de que o inconsciente é apenas a sede dos instintos” (LACAN, 1966, p. 495), ao “obscurantismo” dos psicanalistas “ao não distinguirem o inconsciente do instinto, ou como eles dizem do instintual – do arcaico ou do primordial, em uma ilusão denunciada decisivamente por Claude Lévi-Strauss” (ibid., p. 831). Para ele, “o inconsciente não é o primordial, nem o instintual, e de elementar ele só conhece os elementos do significante” (ibid., p. 522).

Mesmo aquilo que não se manifesta como linguagem não tem precedência sobre ela, mas é um resto do processo de simbolização – o real. Os desejos, imagens e outros elementos do inconsciente normalmente encontram uma expressão verbal. O mesmo raciocínio vale para aquilo habitualmente considerado a “instância que tem a maior relação com as tendências, os instintos, a libido”: “O *Es* não é uma realidade bruta, nem simplesmente o que está antes, o *Es* já é organizado, articulado, como é organizado, articulado, o significante” (LACAN, 1994, p. 46). Para Lacan, o inconsciente é “estruturado em função do simbólico” (LACAN, 1986, p. 22). Posto ainda de outro modo, “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (LACAN, 1981, p. 135), fórmula que, simplificada para “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, se torna clássica e é reproduzida inúmeras vezes em seus seminários e textos. Numa dessas oportunidades, Lacan (2001, p. 223) observa que essa fórmula é um “pleonasma necessário para me fazer entender, visto que a linguagem é a estrutura” – a rigor, portanto, poder-se-ia resumi-la ainda mais, remanescendo simplesmente “o inconsciente é estruturado”.

Essa concepção, segundo Lacan, já está presente em Freud, e é a ela que se deve o caráter radical da descoberta do inconsciente, que marca, no limiar do século XX, o nascimento da psicanálise. É tal concepção que permite diferenciar inequivocamente o inconsciente freudiano do intuído até então pelos poetas e filósofos – um reino obscuro e caótico situado fora dos limites da consciência. É verdade que Freud permanece numa certa medida tributário de modelos energéticos herdados das ciências naturais do século XIX, referindo-se à libido como energia e ao inconsciente como um reservatório. Não obstante, ele tem olhos de lince para os fenômenos de linguagem: compara a organização do inconsciente com a de certos sistemas de signos (como o alfabeto e os hieróglifos), desmonta e interpreta com maestria palavras e combinações de palavras que aparecem nas formações do inconsciente, e tece numerosas analogias entre a atividade do inconsciente e a do poeta ou escritor. Aproveita inclusive, nos quadros da psicanálise, teorias lingüísticas com as quais ocasionalmente tem contato, como o trabalho de Karl Abel sobre o emprego de um mesmo termo com sentidos opostos em línguas antigas, que ele equipara ao processo de inversão onírica.

Além de ser tema de uma resenha escrita por Freud em 1910 (FREUD, 1970), esse trabalho é mencionado numa nota de rodapé, acrescentada em 1911, em *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1972, vol. IV, p. 339) e em duas passagens das *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, publicadas em 1916 (FREUD, 1976b, p. 213-215, 274-275). A importância que Freud consagra à linguagem reflete-se ainda em seu estilo fluente, conciso

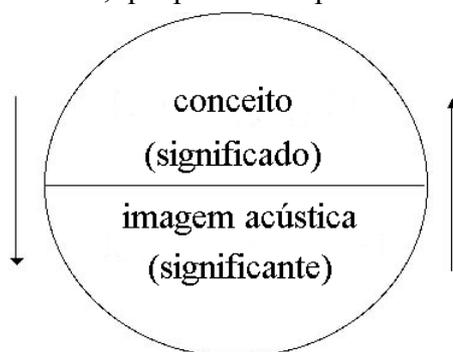
e elegante, considerado um modelo de prosa em língua alemã. Seu talento literário rende-lhe o prêmio Goethe, conferido pela cidade de Frankfurt (onde nasceu o poeta), em 1930 – e não há parâmetro mais apropriado nesse aspecto, se considerarmos, como Adorno, que nenhum escritor deu tanta primazia à palavra na literatura alemã como Goethe (CAMPOS, 1981, p. 181). Tal fato, relata Jones (1979, p. 708-709), dá um grande prazer a Freud, que vê a própria associação de seu nome ao de Goethe (seu autor favorito, citado inúmeras vezes em sua obra) como uma honraria. No pós-escrito, de 1935, a “Um estudo autobiográfico”, Freud (1976d, p. 91) refere-se à homenagem como “o clímax de minha vida como cidadão”.

Como a práxis analítica recomendada por Freud valoriza os aspectos de linguagem do inconsciente, faz-se mister que o analista tenha um conhecimento profundo tanto de sua cultura como da cultura do paciente. O próprio Freud confessa sua dificuldade em lidar com pacientes de origem eslava, devido à distância cultural. “Para interpretar o inconsciente como Freud, seria necessário ser como ele uma enciclopédia das artes e das musas, além de um leitor assíduo das *Fliegende Blätter* [semanário humorístico publicado na Alemanha entre 1845 e 1944]” (LACAN, 1966, p. 521). O analista deve ser um “letrado”, sustenta Lacan. “Como esquecer”, observa ele a propósito da bagagem literária, discorrendo diante de um auditório estudantil, “que Freud manteve constantemente e até seu fim a exigência primeira dessa qualificação para a formação dos analistas, e que ele designou na *universitas litterarum* de sempre o lugar ideal para sua instituição?” (ibid., p. 494). Ao currículo ideal sugerido por Freud para a formação dos analistas, que inclui, além da psiquiatria e da sexologia, a história da civilização, a mitologia, a psicologia das religiões, a história e a crítica literárias, Lacan acrescenta ainda a retórica, a gramática e a poética (ibid., p. 288). Adicionalmente, ele aconselha aos analistas que, para incrementar suas habilidades interpretativas, se dediquem à resolução de palavras cruzadas (ibid., p. 266) e de criptogramas (ibid., p. 510-511).

O surgimento da psicanálise é anterior ao da lingüística moderna, tendo antecedido certas descobertas desta. Essa é, para Lacan, uma das razões pelas quais a lição freudiana sobre o papel do significante no inconsciente é negligenciada desde o princípio: “Ela estava, quando do aparecimento da *Traumdeutung*, muito avançada em relação às formalizações da lingüística, às quais se poderia sem dúvida demonstrar que ela, apenas por seu peso de verdade, franqueou o caminho” (ibid., p. 513). Ademais, isso priva Freud de refinar suas análises com os instrumentos da lingüística.

Não por acaso, a pedra angular do retorno a Freud promovido por Lacan é a concepção de que o inconsciente se estrutura como linguagem: “É toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (ibid., p. 495). A inflexão lacaniana no seio do movimento psicanalítico se dá na onda do estruturalismo, quando os recursos da lingüística passam a ser aplicados em diferentes áreas do conhecimento. Lacan lança mão dos conceitos da lingüística de Saussure a partir de “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, texto conhecido como “Discurso de Roma”, de 1953, e principalmente do *Seminário III*, sobre as psicoses (1955-1956). Mas as concepções lacaniana e saussuriana da linguagem são discrepantes, o que é facilmente compreensível: enquanto Saussure pressupõe um sujeito consciente, que sabe o que diz, Lacan opera com o inconsciente, onde o sujeito é alienado. Assim Lacan, tal como Jakobson (este inspirado pela linguagem poética), contesta os dois princípios gerais enunciados por Saussure no *Curso de lingüística geral*: a arbitrariedade do signo e o caráter linear do significante.

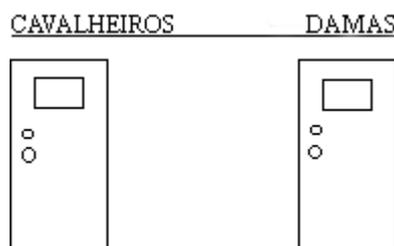
O princípio da arbitrariedade implica uma relação convencional entre significante e significado, um enlace biunívoco. Em Saussure, o signo é uma entidade com duas faces, que pode ser representada pela figura abaixo:



Segundo Saussure (1985, p. 80), “esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro”. Lacan explode o diagrama saussuriano, reduzindo-o ao algoritmo $\frac{S}{s}$, onde S designa o significante e s o significado. Pode-se perceber que, na fórmula de Lacan, são simplesmente eliminados o círculo e as flechas em sentidos opostos, que na edição do curso de Saussure sugerem a união íntima entre significante e significado. Além disso, o traço entre eles é reinterpretado como barreira do significado. Significante e significado são agora dissociados, vistos como “ordens distintas e separadas inicialmente por uma barreira resistente à significação” (LACAN, 1966, p. 497). Em lugar da interdependência sugerida por Saussure, Lacan fala em “independência do significante e do significado” (LACAN, 1981, p. 258). Outra mudança é a inversão de posição entre significante e significado, demonstrando a prioridade que passa a ser dada ao primeiro. Como o significado é visto como uma função do significante, o algoritmo $\frac{S}{s}$ também pode ser grafado assim:

$$f(S)\frac{1}{s}$$

Na ilustração fornecida por Lacan (1966, p. 499), a diferença não é dada pelos significados na parte inferior do algoritmo (as duas portas idênticas), mas pelos significantes “Cavalheiros” e “Damas” na parte superior.



Aqui o significante entra no significado, a tendência é ver o significante dentro do próprio significado, nos desenhos ou palavras inscritos nas placas das portas: “O olhar apertado de uma pessoa míope estaria justificado em questionar se é de fato aqui que devemos ver o significante” (ibid., p. 500). Lacan conta uma historietta sobre um menino e sua irmã que viajam num trem, quando este pára em uma estação. De sua posição junto à janela, o menino

vê um dos leiteiros acima e afirma que tinham chegado em “Damas”. Ao que a menina, lendo o outro leiteiro a partir da posição em que está, retruca que o nome correto do lugar é “Cavalheiros”. O que esses significantes justapostos em última instância indicam, conclui Lacan, para além de qualquer significado, é uma relação de oposição, uma “Dissensão” (ibid., p. 500-501). Ou seja, o sentido ou valor de um significante é definido negativamente, por aquilo que ele não é, por sua diferença em relação aos demais elementos da cadeia significante. Em lugar de referir-se diretamente a um significado, cada significante remete a outros, num processo infundável, tal como as palavras num dicionário conduzem a outras palavras, e não a coisas. Em Lacan, há uma autonomização do significante, que atua de forma dissociada de sua significação e à revelia do sujeito. Lacan (2005, p. 31) critica a concepção instrumental da linguagem, que ele ouve por exemplo de Chomsky num encontro que tiveram nos Estados Unidos, a idéia de que a linguagem é um órgão. Contrastando com a visão convencional segundo a qual a linguagem é um instrumento para representar o pensamento, ou seja, o significado, a visão de Lacan é de que “o significante só se põe como não tendo nenhuma relação com o significado” (LACAN, 1975b, p. 32). Essa frase deve ser entendida no sentido de que não há algo determinado a que o significante faça referência em última instância, de que a relação de significação não é estável, de que há “um deslizamento incessante do significado sob o significante” (LACAN, 1966, p. 502). Esse movimento é familiar à poesia, como mostra Pound (1983, p. 40):

O significado não é algo tão definido ou predeterminado como o movimento do cavalo ou do peão num tabuleiro de xadrez. Ele surge com raízes, com associações, e depende de como e quando a palavra é comumente usada ou quando ela tenha sido usada brilhante ou memoravelmente.

O deslizamento do significado sob o significante desdobra-se sob duas formas: “É da copresença no significado não apenas dos elementos da cadeia significante horizontal, mas também de suas dependências verticais, que eu demonstrei os efeitos, distribuídos de acordo com duas estruturas fundamentais, na metonímia e na metáfora” (LACAN, 1966, p. 515).

Já o princípio da linearidade implica que o significante desenvolve-se numa única dimensão, numa única linha, temporal (na fala) ou espacial (na escrita). Ora, por conta do deslizamento do significante sob o significado, cada significante pode ser associado a diferentes significados, há uma ambiguidade latente em todo discurso. Isso é particularmente evidente no discurso poético, como mostra Drummond em “Procura da poesia”:

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra (ANDRADE, 1964, p. 139).

Essa é a percepção de Lacan, que se reporta inclusive ao trabalho do próprio Saussure sobre os anagramas. Na versão original (1957) de “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, lê-se: “Bastaria escutar a poesia, o que talvez Saussure não tivesse o hábito de fazer, para ouvir como emerge uma verdadeira polifonia, para saber que de fato todo discurso se alinha nas várias pautas de uma partitura” (apud CAMPOS, 1976, p. 105). Depois da publicação, em 1964, aos cuidados de Jean Starobinski, das pesquisas inéditas de Saussure sobre os anagramas (STAROBINSKI, 1974), Lacan modifica o texto acima, já na primeira edição francesa dos *Escritos* (1966): “Basta escutar a poesia, o que sem

dúvida era o caso de F. de Saussure[...]” (LACAN, 1966, p. 503). Se os esforços de Saussure são insatisfatórios, pode-se dizer que é porque lhe falta a dimensão freudiana do inconsciente, tal como a Freud falta a dimensão saussuriana da linguagem.

A psicanálise entende que os conteúdos reprimidos acabam retornando à consciência, de forma disfarçada, e que são essas manifestações que permitem detectar a presença deles: “Denominamos inconsciente um processo psíquico cuja existência somos obrigados a supor – devido a algum motivo tal que o inferimos a partir de seus efeitos” (FREUD, 1976e, p. 90). Já na chamada primeira tópica, exposta de modo mais elaborado no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, Freud postula a existência de uma instância intermediária entre o inconsciente e a consciência, o pré-consciente, que impede que materiais reprimidos acessem diretamente a consciência, mas libera esse acesso sob certas condições.

Nas formações do inconsciente, ou formações de compromisso, há um compromisso entre o desejo e a censura: um significante reprimido encontra meios de vir à tona associando-se de forma cifrada a outros significantes. Os sonhos, os lapsos e os chistes funcionam desse modo – via processos de linguagem. “Há por trás de todo lapso”, por exemplo, “uma finalidade significante” (LACAN, 2005, p. 148). Isso é demonstrado por Freud nas obras que lhes dedica na aurora do século XX, respectivamente *A interpretação dos sonhos* (1900), *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905), “os livros que se pode chamar de canônicos em matéria de inconsciente” (LACAN, 1966, p. 522). Não apenas o *modus operandi* das formações do inconsciente é esmiuçado nesses estudos; propõe-se também um método para analisá-las de forma a revelar os conteúdos reprimidos: “A interpretação dos sonhos é a via real que leva ao conhecimento das atividades inconscientes da mente” (FREUD, 1972, vol. V, p. 647).

É com base, portanto, na observação daquilo que emerge do inconsciente que é possível dizer que ele funciona como uma rede de significantes (palavras e fonemas), articulados entre si segundo mecanismos próprios. Essa articulação ignora as regras da gramática e os princípios lógicos que governam o pensamento consciente, como a não-contradição e a relação de causa e efeito. Em contrapartida, os mecanismos do inconsciente têm analogia com os tropos estilísticos, concernindo à linguagem poética. Isso é bastante evidente na análise levada a cabo por Freud em *A interpretação dos sonhos*.

Freud refere-se ao sonho como um texto e à elaboração onírica como um processo de transformação que constrói o conteúdo manifesto, os elementos oníricos, a partir do conteúdo latente, dos pensamentos oníricos. Teríamos assim um processo que transforma o texto do conteúdo latente no texto do conteúdo manifesto, o sonho propriamente dito. Como afirma Lyotard (1978, p. 239), “o sonho não é a fala do desejo, mas sua obra”, a qual “resulta da aplicação de uma força sobre um texto”, pois “o desejo não fala, ele violenta a ordem da fala”. O processo de elaboração onírica pode ser encarado como uma espécie de interpretação, ou seja, o conteúdo manifesto seria uma determinada interpretação do conteúdo latente. Isso está implícito no próprio título original do livro de Freud (*Die Traumdeutung*), que é ambíguo, nota Kothe (1976, p. 43), e “não apenas supõe que o sonho seja interpretável, isto é, que tenha um sentido que o insira como membro em uma série de ações psíquicas, mas sugere também que o sonho mesmo já seja uma interpretação, que a análise apenas explicita”, enquanto o título da tradução brasileira (*A interpretação dos sonhos*), “devido à diferença entre o singular e o plural de seus termos, não guarda suficientemente a ambigüidade do título original”. Podemos encarar também a elaboração dos sonhos como uma espécie de tradução, a partir das colocações de Freud (1972, vol. IV, p. 295): “Os pensamentos oníricos e o conteúdo onírico nos são apresentados como duas versões do mesmo assunto, em duas linguagens diferentes. Ou, mais apropriadamente, o conteúdo onírico parece uma transcrição dos

pensamentos oníricos em outro modo de expressão”. Os pensamentos oníricos têm a mesma qualidade dos pensamentos conscientes e obedecem às mesmas regras destes, mas sua compreensão é imediata, na medida em que são apreendidos. Já o conteúdo onírico é expresso em caracteres pictográficos, em hieróglifos. Ou seja, o significado dos elementos do sonho não é obtido pela simples identificação deles: não basta reconhecer o que está presente no sonho, é necessário descobrir o papel desempenhado por cada elemento. Conforme Lacan (1966, p. 510):

Tal como as figuras não naturais do barco sobre o teto ou do homem de cabeça de vírgula expressamente evocadas por Freud, as imagens do sonho só devem ser levadas em conta por seu valor de significante, isto é, por aquilo que elas permitem soletrar do ‘provérbio’ proposto pelo rébus do sonho.

No provérbio do sonho, cada elemento representa uma sílaba ou palavra, e as palavras agrupadas “podem formar uma frase poética da maior beleza e significado”, diz Freud (1972, vol. IV, p. 296). Assim, a elaboração onírica traduz o texto do conteúdo latente, em prosa convencional, para o texto poético, denso e hermético, do conteúdo manifesto. Essa tradução se faz através de dois mecanismos fundamentais: o deslocamento (que engloba as considerações de representabilidade) e a condensação (que engloba a elaboração secundária). Esses mecanismos correspondem respectivamente à metonímia e à metáfora, afirma Lacan em diversas passagens, modificando uma sugestão nesse sentido, apresentada originalmente por Jakobson (1982, p. 61).

O processo de deslocamento salta aos olhos do observador que compara o relato do sonho com sua interpretação. Desse cotejo emerge a diferença de importância entre os pensamentos oníricos e os elementos oníricos a eles correspondentes. Os aspectos que se destacam em termos de conteúdo manifesto são menos importantes em termos de conteúdo latente e, inversamente, aquilo que é menos importante no conteúdo manifesto sobressai no conteúdo latente. Ou seja, a elaboração onírica envolve uma transferência ou deslocamento de intensidade psíquica de alguns pontos para outros. O deslocamento serve fundamentalmente à finalidade de contornar a censura onírica, deformando e camuflando os pensamentos oníricos para tornar possível sua expressão pelo sonho.

Além disso, o deslocamento funciona como etapa prévia à condensação: num primeiro momento, determinados pensamentos oníricos são deslocados para determinados elementos oníricos e, num segundo momento, esses elementos são condensados. O mecanismo secundário de elaboração, que Freud chama de considerações de representabilidade, pode ser considerado uma variante do processo de deslocamento: ele transforma pensamentos abstratos em imagens ou palavras concretas, mais condizentes com o modo de expressar-se do sonho e mais suscetíveis à condensação. O resultado do deslocamento é uma autonomização do significante, a ruptura da correlação biunívoca entre significante e significado, postulada pelo princípio saussuriano da arbitrariedade. Lacan relaciona o deslocamento com a figura retórica da metonímia, na qual o sentido se desloca: quando se diz, por exemplo, “trinta velas” em vez de “trinta barcos”, a parte (velas) é tomada no lugar do todo (barcos).

Do mesmo modo que o deslocamento, a condensação apresenta-se como imediatamente evidente a quem confronta o conteúdo do sonho com os pensamentos oníricos. Postos em uma folha de papel em duas colunas contíguas, como sugere Freud, o relato do sonho, que corresponde ao conteúdo manifesto, ocupa um espaço muito inferior ao da

interpretação, que revela o conteúdo latente. Ou seja, na transformação dos pensamentos oníricos em conteúdo onírico ocorre necessariamente uma compressão de volume, uma condensação, em graus variáveis de um sonho para outro. Pound (1983, p. 40) diz que

a poesia [...] é a mais condensada forma de expressão verbal [e que] Basil Bunting, ao folhear um dicionário alemão-italiano, descobriu que a ideia da poesia como concentração é quase tão velha quanto a língua germânica. ‘*Dichten*’ é o verbo alemão correspondente ao substantivo ‘*Dichtung*’, que significa ‘poesia’, e o lexicógrafo traduziu-o pelo verbo italiano que significa ‘condensar’.

Na mesma linha, Lacan observa que o nome *Verdichtung*, condensação, “por condensar em si mesmo a *Dichtung*, indica a conaturalidade do mecanismo com a poesia, até o ponto de envolver a função propriamente tradicional desta” (LACAN, 1966, p. 511). A condensação opera no sonho com imagens, criando figuras coletivas ou compostas, como a fusão cinematográfica, ou com palavras e nomes, como a poesia propriamente dita. A condensação verbal cria às vezes curiosos neologismos nos sonhos – assim, num sonho de Freud, os pensamentos oníricos expressos nas palavras “*Autor*”, “*Autodidakt*” e “*Lasker*” são sintetizados na forma condensada “*Autodidasker*”, inexistente na língua alemã (FREUD, 1972, vol. IV, p. 319). A elaboração secundária, um dos mecanismos da elaboração onírica descritos por Freud, corresponde a um tipo de condensação, que opera sobre o sonho como um todo, ligando seus fragmentos e imprimindo-lhe coerência.

A condensação torna-se possível nos sonhos pelo fenômeno da sobredeterminação, em que diversos pensamentos oníricos encontram sua expressão em um único elemento onírico, ao passo que um mesmo pensamento onírico pode estar expresso em vários elementos oníricos, criando-se entre eles um cruzamento múltiplo, plurívoco. O fenômeno da sobredeterminação nos sonhos é análogo ao que ocorre na poesia onde, segundo Jakobson, se projeta o princípio constitutivo da equivalência do eixo do paradigma no eixo do sintagma, com a conseqüente explosão da linearidade deste, aludida anteriormente. Lacan relaciona o conceito freudiano de condensação com o conceito retórico de metáfora. A condensação é uma sobreimposição de significantes, enquanto a metáfora lacaniana é a substituição de um significante por outro que toma seu lugar na cadeia, segundo a fórmula “uma palavra por outra”. E mais uma vez Lacan refere-se à poesia: “Poderia ser uma definição do estilo poético dizer que ele começa na metáfora, e que, ali onde a metáfora cessa, a poesia também” (LACAN, 1981, p. 247).

A internalização do recalque toma via de regra a forma de neurose, que para Freud é a condição normal do homem civilizado.

Se (...) assumirem um ponto de vista teórico e não considerarem essa questão de quantidade, os senhores podem muito bem dizer que **todos** nós somos doentes – isto é, neuróticos, – pois as precondições da formação dos sintomas também podem ser observadas em pessoas normais (FREUD, 1976c, p. 419, **destaque do autor**).

Tal como em outras formações do inconsciente, no sintoma neurótico um significante recalcado emerge graças a sua ligação com outros: “O recalque primordial é um significante, e o se que edifica por cima, para constituir o sintoma, podemos sempre considerá-lo como um andaime de significantes” (LACAN, 1973, p. 160-161). Lacan observa que no sintoma e no sonho a “estruturação se revela a mesma – ela põe em jogo a estrutura da

linguagem em geral, e mais precisamente a relação do homem com a linguagem” (LACAN, 1978, p. 151). Para ele, “o sintoma neurótico desempenha o papel da língua que permite exprimir o recalque” (LACAN, 1981, p. 72). E vale lembrar que o significante não é apenas a palavra, podendo ser também um elemento corporal.

A expressão ‘fala’ deve ser entendida não apenas como significando a expressão do pensamento por palavras, mas incluindo a linguagem dos gestos e todos os outros métodos, como por exemplo a escrita, através dos quais a atividade mental pode ser expressa (FREUD, 1974, p. 211).

Ou seja, “um gesto humano está do lado da linguagem e não da manifestação motora” (LACAN, 1975a, p. 280). Nos sintomas exteriorizados no corpo (como no mecanismo de conversão histérica), este é inscrito com significantes. É no sintoma que Freud descobre o fenômeno da sobredeterminação, pois ele guarda relação com diversos acontecimentos na vida do sujeito: substituindo a cena original e eventos a ela acoplados, o sintoma está relacionado com a metáfora.

O simbólico, tal como o entende Lacan, está presente pois ao mesmo tempo no arcabouço, na ordem social e no inconsciente. “De fato, o significante, com seu jogo e suas insistências próprias, intervém em todos os interesses do ser humano – por mais profundos, primitivos, elementares que os suponhamos” (LACAN, 1981, p. 223). Ao aceder ao simbólico, o sujeito mergulha numa rede (da lei e da linguagem) que se estende muito além dele, e a ele preexiste e sobrevive:

Os símbolos envelopam com efeito a vida do homem em uma rede tão total que reúnem, antes que ele venha ao mundo, aqueles que vão engendrará-lo ‘pelo osso e pela carne’; que trazem em seu nascimento, com os dons dos astros, se não com os dons das fadas, o desenho de seu destino; que dão as palavras que o farão fiel ou renegado, a lei dos atos que o seguirão inclusive até onde ele não é ainda e além de sua própria morte; e que, através deles, seu fim encontra seu sentido no juízo final no qual o verbo absolve seu ser ou o condena (LACAN, 1966, p. 279).

A noção de simbólico acentua portanto o efeito de descentramento introduzido pela descoberta do inconsciente por Freud, contrariando a idéia, enraizada no senso comum e na filosofia antiga, de que o homem é governado a partir de uma sede interior: “O homem não pensa com sua alma, como imagina o Filósofo. Ele pensa com uma estrutura, a da linguagem” (LACAN, 2001, p. 512). É interessante notar que há uma passagem de Freud, em *Moisés e o monoteísmo*, onde o termo “simbolismo” também se refere a uma condição preexistente associada à linguagem – a capacidade para a linguagem herdada por toda criança:

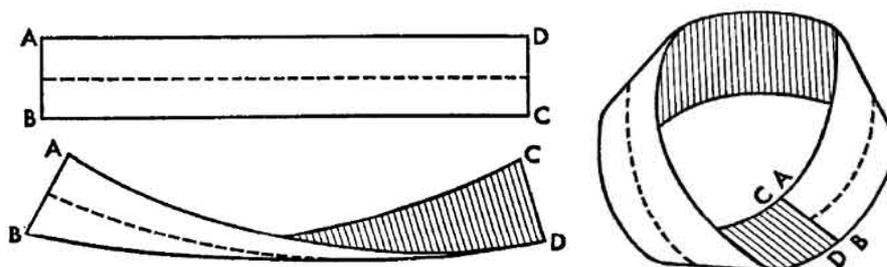
Nisso, temos em mente o exemplo do que é certamente o simbolismo ‘inato’ que deriva do período do desenvolvimento da fala, familiar a todas as crianças sem que elas sejam instruídas, e que é o mesmo entre todos os povos, apesar de suas diferentes línguas (FREUD, 1975, p. 157).

A exterioridade do simbólico em relação ao sujeito é materialmente evidente: “Eis sobre esta mesa, mais ou menos disperso, um quilo de significante. Tantos metros de significante estão enrolados ali no fio do gravador onde meu discurso é registrado até esse

momento” (LACAN, 2001, p. 148). A alteridade do simbólico – seu aspecto exterior, estrangeiro, social – é captada pelo conceito de grande Outro, o Outro simbólico, expresso na álgebra lacaniana por um A maiúsculo, abreviatura de *Autre* (LACAN, 1978, p. 276).

Em suma, “essa exterioridade do simbólico em relação ao homem é a própria noção de inconsciente” (LACAN, 1966, p. 469). Na medida em que a castração e a linguagem são fenômenos sociais, o inconsciente, que surge a partir da castração e se articula com base na linguagem, também transcende a esfera individual. “O inconsciente é o discurso do Outro”, diz a frase célebre de Lacan, enunciada pela primeira vez, de forma ligeiramente diferente, no “Discurso de Roma” (ibid., p. 265). Num fenômeno como o lapso, por exemplo, uma mensagem que estamos tentando transmitir é interrompida bruscamente por outra mensagem, vinda do inconsciente, que age como um Outro que nos habita. Um Outro que é “estrangeiro a mim, embora em meu coração” (LACAN, 1986, p. 87). Essa “exterioridade íntima” é traduzida em Lacan pelo neologismo “*extimité*” (“extimidade”) (ibid., p. 167).

Topologicamente, ela pode ser representada pela fita de Möbius, descoberta de forma simultânea, em 1858, pelos matemáticos alemães August Ferdinand Möbius e Johann Benedict Listing. Trata-se de uma figura tridimensional que se obtém facilmente tomando um retângulo de papel, aplicando-lhe uma torção e ligando suas extremidades, e cujo atributo característico é ter apenas uma face, não sendo possível distinguir nela entre dentro e fora.



Certamente tudo isso está distante do inconsciente coletivo, de que fala Jung, um reservatório de conteúdos mitológicos compartilhados coletivamente, a partir de dentro de cada um, sob a forma de arquétipos. Trata-se aqui, ao contrário, de um inconsciente que se modula em cada um, a partir de um dispositivo (a linguagem) de origem externa e de caráter puramente estrutural: “É nisso que não há inconsciente coletivo. Há somente inconscientes particulares, na medida em que cada um, a cada instante, impulsiona a língua em que fala” (LACAN, 2005, p. 133).

Referências Bibliográficas

ANDRADE, C. D. A rosa do povo (1943-1945). In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p. 135-217.

CAMPOS, H. de. **A operação do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **Deus e o Diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

FREUD, S. A significação antitética das palavras primitivas (1910). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v. 11, p. 137-146.

_____. A interpretação dos sonhos (1900). In: _____. **Edição standard brasileira das**

obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 4 e 5.

_____. O interesse científico da psicanálise (1913). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 13, p. 195-226.

_____. Moisés e o monoteísmo: três ensaios (1939). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. 23, p. 13-161.

_____. A psicopatologia da vida cotidiana (1901). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1976a. v. 6.

_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise (partes I e II) (1916-1917). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1976b. v. 15.

_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III) (1916-1917). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1976c. v. 16.

_____. Um estudo autobiográfico (1925). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1976d. v. 20, p. 13-92.

_____. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1976e. v. 22, p. 11-220.

_____. Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas.** Rio de Janeiro: Imago, s.d. v. 8.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação.** 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

JONES, E. **Vida e obra de Sigmund Freud.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

KOTHE, F. R. O sonho como texto, o texto como sonho. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, nº 44, janeiro-março 1976.

LACAN, J. **Le séminaire, livre VI: le désir et son interpretation.** Association Freudienne Internationale (publication hors commerce), 1958-1959.

_____. **Le séminaire, livre XIII: l'objet de la psychanalyse.** Association Freudienne Internationale (publication hors commerce), 1965-1966.

_____. **Écrits.** Paris: Seuil, 1966.

_____. **Le séminaire, livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse.** Paris: Seuil, 1973.

_____. **Le séminaire, livre I: les écrits techniques de Freud.** Paris: Seuil, 1975a.

_____. **Le séminaire, livre XX: encore.** Paris: Seuil, 1975b.

_____. **Le séminaire, livre II: le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse.** Paris: Seuil, 1978.

_____. **Le séminaire, livre III: les psychoses.** Paris: Seuil, 1981.

_____. **Le séminaire, livre VII: l'éthique de la psychanalyse.** Paris: Seuil, 1986.

_____. **Le séminaire, livre IV: la relation d'objet.** Paris: Seuil, 1994.

_____. **Autres écrits.** Paris: Seuil, 2001.

- _____. **Le séminaire, livre XXIII: le sinthome**. Paris: Seuil, 2005.
- LYOTARD, J.-F. **Discours, figure**. 3e. tirage. Paris: Klincksieck, 1978.
- POUND, E. **ABC da literatura**. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1983.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- STAROBINSKI, J. **As palavras sob as palavras**. São Paulo: Perspectiva, 1974.